



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA VERBO-VISUAL

**Alberto Roiphe
(Organizador)**



Criação Editora

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
UMA EXPERIÊNCIA VERBO-VISUAL

Alberto Roiphe
ORGANIZADOR

ISBN
978-85-8413-521-9

EDITORA CRIAÇÃO
CONSELHO EDITORIAL

Ana Maria de Menezes
Christina Bielinski Ramalho
Fábio Alves dos Santos
Gilvan Rodrigues dos Santos
Jorge Carvalho do Nascimento
José Afonso do Nascimento
José Eduardo Franco
José Rodorval Ramalho
Justino Alves Lima
Luiz Eduardo Oliveira
Martin Hadsell do Nascimento
Rita de Cácia Santos Souza

Alberto Roiphe
(Organizador)

RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UMA EXPERIÊNCIA VERBO-VISUAL



Criação Editora

Aracaju, 2024

Copyright by 2024 ALBERTO ROIPHE (ORGANIZADOR)

É proibido a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.) é crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Este livro, ou parte dele, não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização escrita da editora.

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

Adilma Menezes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846

R741l Roiphe, Alberto (org.)
Residência pedagógica: uma experiência verbo-visual / Organizador: Alberto Roiphe. – 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2024.

110 p.; il.

ISBN 978-85-8413-521-9

1. Cinema. 2. Educação. 3. Prática Pedagógica. I. Título. II. Assunto. III. Organizadores.

CDD B869.939:700

CDU 82-95(81):7

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura Brasileira: Crítica literária; Artes.

2. Literatura: crítica literária (Brasil); Artes visuais.

SUMÁRIO

Verbovisualidade em livros infantis: quando estudantes de pedagogia se tornam “authorstrators”	7
---	----------

Alberto Roiphe

Tecendo a pluralidade de saberes vivenciados no Programa de Residência Pedagógica	13
--	-----------

Débora Crespo Pereira

Luciana Maria Feitoza de Souza Ferreira

Raquel Freitas Coelho

Rebeca imagina maiores aventuras	17
---	-----------

Ana Luiza Azevedo

Assum Preto e Picuã	33
----------------------------------	-----------

Andressa C. S. Chaves P. A. Santos

Diferente	53
------------------------	-----------

Ariana Maria Meira Bastos

Corde...De quê?!.....	57
------------------------------	-----------

Carla Oreana Catumbila

Os Ultras	59
------------------------	-----------

Esdras Ferreira dos Santos

O menino e o espelho.....	64
----------------------------------	-----------

Gregory Rodrigues da Silva

A descoberta da floresta 81

Letícia da Silva Santos

Nuvens..... 87

Luana Mendes

Pedro e Vovó em: A poluição do meio ambiente 89

Natasha Silva

Bolinho de Amor 95

Talitha Christina G. P. da Silva

VERBOVISUALIDADE EM LIVROS INFANTIS: QUANDO ESTUDANTES DE PEDAGOGIA SE TORNAM “AUTHORSTRATORS”

Alberto Roiphe

INTRODUÇÃO

Este livro reúne algumas experiências de criação literária, realizadas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica, mais especificamente no contexto do curso de Pedagogia da Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, entre 2022 e 2024.

Neste período, os estudantes universitários, em meio às atuações em sala de aula do CIEP José Pedro Varela, na região central da cidade do Rio de Janeiro, foram orientados a elaborar materiais lúdicos com objetivos didático-pedagógicos, voltados para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental em fase de alfabetização, sempre tendo como foco a área de Língua Portuguesa.

O processo de criação, no entanto, passou a envolver também a Literatura, quando os estudantes foram convidados a produzir narrativas infantis, a partir de diferentes temáticas e formatos, destinados às crianças que tiveram a oportunidade de conhecer na escola, tornando-se a apresentação de seu processo de criação o foco deste relato.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO NA LINGUAGEM VERBAL E NA LINGUAGEM VISUAL

Para a elaboração do material, foram sugeridos alguns passos a serem considerados com o objetivo de criar uma narrativa curta e ilustrada.

Em primeiro lugar, a instrução foi partir de uma palavra, uma expressão ou um dito popular para a criação da narrativa, caso os estudantes não tivessem alguma ideia previamente formada. Nesse item, a fim de que se sentissem interessados pelo processo, uma condição para a escolha da palavra, da expressão ou do dito popular era uma possível relação com suas próprias memórias.

Em segundo lugar, uma vez escolhida a palavra, a expressão ou o dito popular, a ideia era partir para o conhecimento do sentido do enunciado escolhido com o máximo de curiosidade, considerando-se, para tanto, o que Paulo Freire afirma em *Pedagogia da Autonomia*, isto é, a transformação da curiosidade espontânea em “curiosidade epistemológica” (2001), como um dos saberes fundamentais à prática educativo-crítica. Poderia ser a origem do termo, os seus múltiplos sentidos, as diferentes possibilidades de uso etc. Para isso, os residentes deveriam recorrer a dicionários etimológicos, dicionários de diferentes áreas do conhecimento (Educação/Pedagogia, Psicologia, Filosofia, Linguística), ou diretamente a dicionários de ditos populares, dicionário de expressões da língua etc.

No próximo passo, para que efetivamente houvesse a elaboração da narrativa curta, tivemos como referência diferentes estruturas textuais e seus arcos emocionais, como propõe o escritor Afonso Cruz, em seu curso “Escrita de narrativa original do princípio ao fim”, as seguintes caracterizações, tendo como exemplo as alternâncias entre os sentimentos de alegria e tristeza podendo, evidentemente, nas narrativas, serem transpostos para outras emoções:

- Estrutura de “ascensão” – uma personagem triste se torna feliz.
- Estrutura de “queda” – uma personagem feliz se torna triste.
- Estrutura do “homem num buraco” – uma personagem feliz no início da narrativa se torna triste no meio, mas volta a ser feliz no fim.
- Estrutura de “Ícaro” – uma personagem triste no início da narrativa se torna feliz no meio, mas volta a ser triste no fim.

- Estrutura de “Cinderela” – uma personagem triste no início da narrativa se torna feliz. Logo depois, se torna triste novamente, mas volta a ser feliz no fim.
- Estrutura de “Édipo” – uma personagem feliz no início da narrativa se torna triste. Em seguida, se sente feliz, mas volta a se sentir triste no final.

Escolhidos o tema e a estrutura da narrativa, de acordo com seu arco emocional, os textos foram apresentados em diferentes versões, a fim de que fossem ajustados e reescritos.

Em quarto lugar, foram estabelecidos os critérios para a ilustração da narrativa, o que abriu possibilidades de criação e, ao mesmo tempo, de interpretações das próprias narrativas, utilizando-se de desenhos, pinturas, colagens, dobraduras, bordados etc. Duas foram as opções que se abriram para as ilustrações. Uma foi o fato de os próprios autores criarem as imagens, outra foi a possibilidade de pedirem a alguém que as criassem, sempre respeitando as leis relacionadas aos direitos autorais. Também para as ilustrações, foi disponibilizado o vídeo “Escrita Literária: a construção do personagem em rede”, realizado para a Rede Internacional de Ações Coletivas nas Universidades (Rede RIA), como parte do curso de extensão “Educação, Imagem e Conexões Midiáticas”, para o qual preparei uma oficina de colagem para a confecção de personagens.

Nesse ponto, é preciso lembrar que Graça Ramos, em sua obra *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*, afirma que “todos necessitamos da simbolização do real para nos desenvolvermos, e o mundo da infância está repleto de signos e símbolos que sustentam a existência adulta”, por esse motivo, a ilustradora defende que aí “está a importância que os livros ilustrados adquirem ao mostrar como esses símbolos podem ser representados” (Ramos, 2011, p. 16-17).

Partindo dessa ideia, notamos que nos livros infantis artesanais, por meio da arte da ilustração, “as representações substituem seres, coisas, sentimentos e ações” representados visualmente de diferentes formas, de acordo com a interpretação de seus ilustradores e com o seu repertório visual.

Assim, os elementos da linguagem visual, conforme Graça Ramos, “ao estimular a fantasia, as imagens se transformam em elemento fundamental para a fruição da leitura e contribuem para o processo de alfabetização” (2011, p. 28). Isso evidencia que a leitura de imagens também forma leitores, lembrando que as imagens de um livro infantil contemporâneo, como diz a autora, não se resumem às ilustrações, mas se relaciona a todo o projeto gráfico, envolvendo os tipos de letras utilizados, “o tamanho, o espaçamento e o entrelinhamento [...], o ritmo do texto nas páginas, o que sugerirá o andamento da leitura [...], a forma de integração entre o texto e as ilustrações [...], o tipo de papel que servirá de suporte e os recursos técnicos a serem utilizados na mecânica do livro” (2011, p. 30).

Nesse ponto, é preciso levar em conta que, em nossa formação, muitas vezes, existe uma lacuna relacionada à leitura de imagens ou, como diz Graça Ramos, “faltam-nos instrumentos teóricos – nas escolas, arte é uma disciplina pouco privilegiada – que nos permitam esmiuçar uma imagem, enquanto a degustamos ou rejeitamos com o olhar, seja lá qual for” (2011, p. 36).

Em pleno processo de alfabetização, não há também como não levar em conta as ideias de Martin Salisbury, quando afirma que “se alfabetização significa habilidade de ler, escrever e compreender, resulta razoável que ‘alfabetização visual’ se refira à destreza de ver, desenhar e formular um juízo estético” (apud Ramos, 2011, p. 39). Sendo assim, mais uma vez é possível evidenciar que a leitura de imagens, assim como a da palavra, é algo que se aprende.

Finalmente, foram expostas as narrativas em forma de livro por parte dos estudantes de Pedagogia da UNIRIO.

Para incentivar o processo de criação dos estudantes, antes da realização dessas etapas, sugeri a leitura de um texto em que, fundamentando-me em Paulo Freire, eu mostrava que “ensinar exige pesquisa” (2001, p. 32). O objetivo era a valorização da pesquisa que todos nós, professores, realizamos para criar o nosso repertório de leituras, observando que a investigação faz parte da nossa formação, realizada ao longo do tempo.

Quem contribuiu, nesse ponto, para a nossa reflexão foi Marcos Bagno que –, em sua obra *Pesquisa na Escola: O que é? Como se faz?* –, nos faz pensar sobre os elementos fundamentais de uma investigação.

De maneira muito sucinta, Marcos Bagno (2007) enumera os itens para a realização de um projeto de pesquisa na escola. No nosso caso, as narrativas infantis, curtas e ilustradas, mais adequados para trabalharmos em sala de aula.

Bagno (2007) mostra, nessa obra, que todo projeto a ser realizado na escola tem um objetivo, isto é, a meta final da pesquisa; todo projeto tem sua justificativa, a importância daquele tema escolhido; todo projeto segue uma metodologia, o modo de obtenção dos dados; todo projeto apresenta um produto final, um compromisso a ser cumprido e um destinatário: o estudante de uma série escolar, de uma determinada idade.

A proposta foi considerarmos que livros infantis seriam mais adequados para o trabalho em sala de aula. Para tanto, elaborei um vídeo, mostrando nossa melhor seleção de obras a partir de escolha crítica a respeito de diferentes temas e estruturas composicionais e sugerindo que os residentes sempre trocassem informações a esse respeito com os colegas, a fim de conhecerem sempre novas obras e avaliá-las tanto do ponto de vista da linguagem verbal quanto do ponto de vista da linguagem visual.

Ao final do processo de criação, portanto, os residentes, estudantes de Pedagogia, expuseram narrativas, presentes neste livro, que en-

volveram a rima, o amor, as diferenças, o futebol, o autoconhecimento, a natureza, dentre outros temas. Quanto à forma, preocuparam-se com as capas e as contracapas, ficando à vontade, de acordo com a própria preferência, para a apresentação de seus autores e ilustradores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta, portanto, o processo de criação de estudantes de pedagogia, futuros professores dos anos iniciais do ensino fundamental, a concepção de uma narrativa infantil passou a exteriorizar, ludicamente, a invenção de seu próprio material para trabalho em sala de aula, tornando-se, muitas vezes, o que Graça Ramos define como “authorstrators”, termo em inglês que caracteriza, ao mesmo tempo, o autor e o ilustrador (Ramos, 2011, p. 67)

A importância dessa invenção, conhecendo o público a que o material, inicialmente, se destinava, deslocou o foco das narrativas à escolha também das temáticas intrigantes aos leitores, por meio de estruturas textuais intencionalmente bastante inteligíveis.

REFERÊNCIAS

Bagno, Marcos. *Pesquisa na Escola: O que é? Como se faz?* 21 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

Cruz, Afonso. “Escrita de narrativa original do princípio ao fim” <https://www.domestika.org/pt/courses/2064-escrita-de-narrativa-original-do-principio-ao-fim/course>

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

Ramos, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Roiphe, Alberto. “Escrita Literária: a construção do personagem em rede” <https://www.youtube.com/live/JxCfemA954g?feature=share>

TECENDO A PLURALIDADE DE SABERES VIVENCIADOS NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Débora Crespo Pereira

Luciana Maria Feitoza de Souza Ferreira

Raquel Freitas Coelho

*O que vale na vida não é o ponto de partida e sim
a caminhada. Caminhando e semeando, no fim
terás o que colher.*
Cora Coralina

A epígrafe acima nos convida a reviver toda a nossa trajetória construída com os alunos do Programa de Residência Pedagógica, onde buscaram caminhar de mãos dadas junto com a comunidade escolar do GET Pedro Varela, com as preceptoras Débora Crespo, Luciana Feitoza e Raquel Coelho com as suas respectivas turmas, visando contribuir em prol de uma educação humanizada e emancipadora.

O projeto permitiu compartilhar e trocar vastas experiências na área da alfabetização, letramento e jogos pedagógicos, possibilitando aos residentes conhecerem a rotina escolar, que geralmente é muito complexa. Ter contato novamente com estudantes de Pedagogia, através do Programa de Residência possibilitou retomar às memórias e lembranças de quando ainda estávamos na graduação, sem o contato constante com o cotidiano escolar e com muitas expectativas de realizar uma prática que não fosse mera reprodução. Por isso, sendo fundamental a observação da sala de aula, juntamente com a leitura de referenciais teóricos, onde trouxeram reflexões e aperfeiçoaram as práticas pedagógicas dos futuros profissionais.

Trilhando a caminhada de uma educação prazerosa e significativa, os residentes superaram a insegurança de serem estudantes, para assumirem a função de docentes, pesquisando, desenvolvendo, aplicando, registrando e refletindo sobre a própria prática no processo de alfabetização com jogos lúdicos.

As preceptoras elaboraram dinâmicas para apresentar a turma aos residentes, que gradativamente desenvolveram vínculos afetivos com os educandos, orientando sobre as atribuições que desempenhariam durante o ano letivo em sala de aula. As turmas ficaram eufóricas com a novidade e os receberam muito bem. Paulatinamente, foram se acostumando com a presença dos futuros professores e a nova rotina de estudarem com tantos educadores em sala.

Durante o projeto, os residentes puderam vivenciar a rotina de uma escola, a dinâmica da sala de aula e suas especificidades, observar e explorar práticas de ensino, conhecer bibliografias infantis, planejar e executar atividades lúdicas, oferecer auxílio aos alunos e efetivamente dar a sua aula.

Semeando e colecionando momentos, observamos em cada olhar das crianças o encantamento da aprendizagem e nos residentes o olhar assertivo, afirmando as suas habilidades na docência e criando repertório de vivências.

No decorrer dessa caminhada o passo a passo do processo de alfabetização das turmas era conversado com os residentes, explicando qual objetivo estava sendo esperado com determinada atividade ou ação, as metodologias aplicadas e os recursos envolvidos dentro de cada realidade, como se dava esse planejamento pedagógico e quais adaptações seriam necessárias ao longo do curso. Para além de antever as ações, eles puderam participar como protagonistas desse processo.

A proposta de trazer o jogo e o lúdico como uma alternativa didática foi uma grande contribuição à nossa prática, trazendo novas possibilidades de abordar os temas da sala de aula, sendo uma importante ferramenta de motivação das crianças, o que gera interesse

e consequentemente a aprendizagem, atingindo assim o nosso principal objetivo.

Assim como nas palavras de Cora Coralina, nós nos construímos no decorrer da caminhada, no “chão” da sala de aula, através de uma relação dialógica e afetuosa, proporcionando trocas enriquecedoras entre os educandos e os residentes, onde enfrentaram os desafios da defasagem escolar e conviveram com a diversidade socioeconômica.

Em linhas gerais, participar como preceptoras no Programa de Residência Pedagógica, contribuiu para a colheita de bons frutos, pois tecemos a pluralidade de saberes em um espaço, onde os residentes compartilharam suas raízes teóricas e seus ideais de uma educação pública de qualidade, nos encorajando e esperançando para continuarmos a perseverar nesta área. Concomitantemente, oportunizando-os a alcançarem a práxis transformadora, colocando a mão na massa, dando voz e vez para atuarem na prática docente.



~ ESTE NÃO É UM LIVRO DE RIMA ~



Rebeca Imagina as MAIORES Aventuras



ESCRITO POR

Ana Luiza
Azevedo



ATENÇÃO



ESTE NÃO É UM LIVRO DE RIMA



OU TALVEZ SEJA



**Era uma
vez...**



**Uma menina
chamada Rebeca
que gostava
muito de
brincar de...**



PETECA

Bola



junto do Paulo. E
quando precisa,
ela se equipa
para soltar...



PIPA

Borboletas³



com seus amigos.
Essa menina tem
sempre o discurso
para pedir para
brincar com seu...



URSO



Pai

que nem sempre
esta disponível.
Mas quando pode,
vai correndo ver
seu desempenho em
fazer...



DESENHO

Dobradura ⁵



**das mais absurdas.
Outras vezes
Rebeca só quer uma
aventura, então
escolhe praticar...**



PINTURA

Salto



bem difíceis. Ou
dependendo do
critério,
ela escolhe
desvendar um...



MISTÉRIO



Livro

**e as vezes acaba
dormindo. Porém,
logo acorda,
pronta para
brincar de pular...**



CORDA

Na cama elástica



até cansar.
Ou até achar
alguém para
fazer uma zorra
brincando
de...



GANGORRA

Fantasia



**e ir brincar de
desfilar. Podendo até
rolar uma cantoria com
emoção e para
acompanhar ela toca
seu...**



violão



Teclado

e faz os sons mais variados. Mas quando ela precisa se exercitar, ela sai para dar uma volta completa de...



BICICLETA

Patins



**Vivendo sempre
com muita
emoção,
realizando tudo
na sua...**



IMAGINAÇÃO¹²



Fim.



É O FIM MESMO

Agradecimento



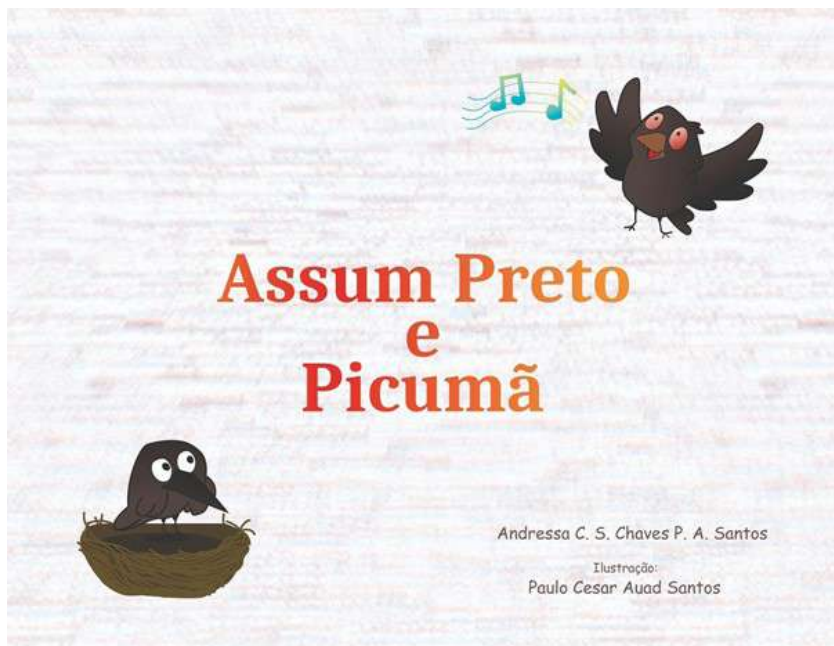
**Ao leitor que chegou
até esse setor.
Espero que não tenha
arrependimento em
ter escolhido esse
entretenimento.**



Atividade Criativa

Brincadeira com as rimas presentes no livro.

- 1. Tentar estabelecer uma relação de rimas entre as palavras em vermelho do livro**
- 2. Propor rimas que vão além das palavras presentes no livro**
- 3. Tentar escrever uma página de continuação com uma construção sem rima e uma rima através da imagem**



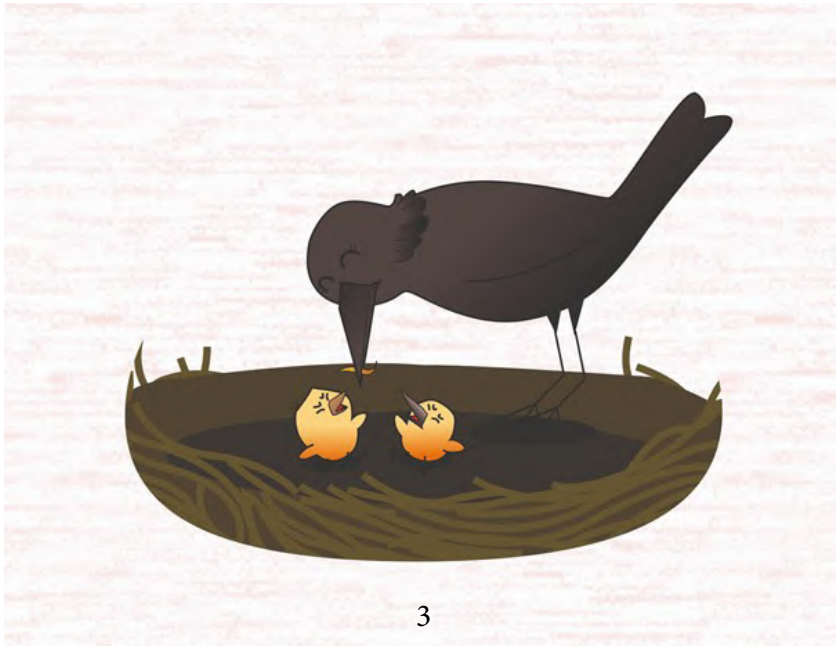
Assum Preto e Picumã

Andressa C. S. Chaves P. A. Santos

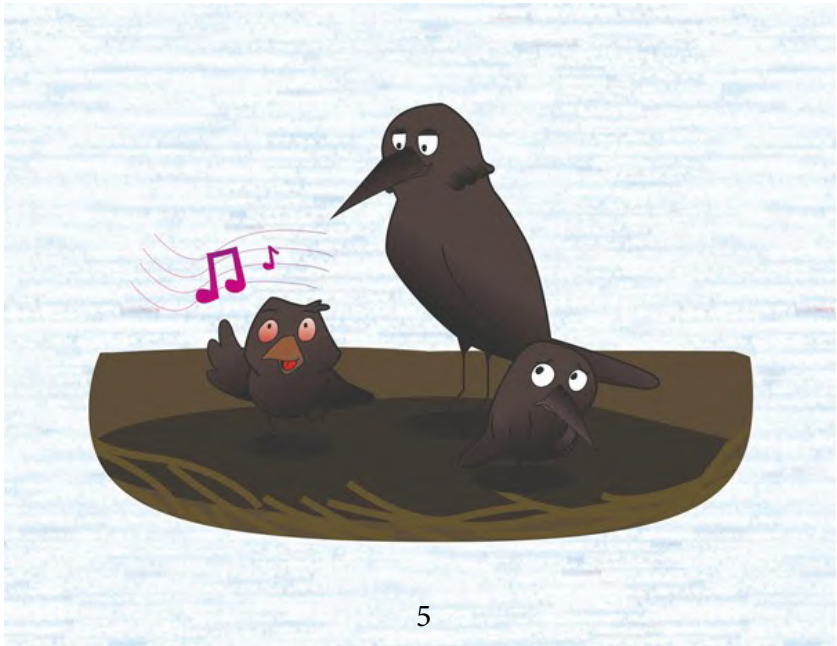
Ilustração:
Paulo Cesar Auaad Santos



CÉU DE **ANIL**,
NASCE UMA FLOR,
NA PALHA SECA,
PÔS-SE O AMOR:
TRÊS OVINHOS - GRAÚNAS,
MAS SÓ UM CHOCOU.



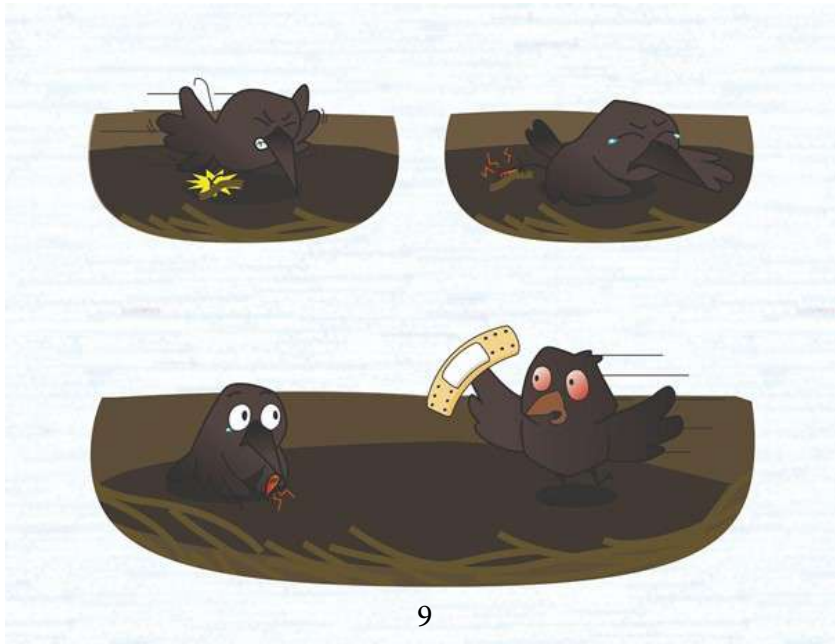
ASSUM **PRETO** NASCEU,
FELIZ E PINTADO NO **BREU**,
MAS, DE REPENTE,
PICUMÃ APARECEU.
MAMÃE ASSUM CUIDOU,
NEM PERCEBEU.



O TEMPO PASSOU,
PICUMÃ CRESCER,
MAS ASSUM SABIA:
O IRMÃO NÃO ERA SEU.
INDIGNADO, FICOU.
A TRISTEZA, ACOMPANHOU.



PICUMÃ INOCENTE,
LARGADO EM NINHO ASSUM,
CRESCER FELIZ, PROSPEROU.
TINHA MÃE, IRMÃO E AMOR.
JAMAIS SEQUER IMAGINOU:
ASSUM NÃO NASCEU, SE TORNOU.



O CÉU DO INVERNO,
LOGO CHEGOU.
E NO FRIO INTENSO,
ASSUM, SE ACIDENTOU.
PICUMÃ, TAMBÉM ASSUM,
DO SEU IRMÃO TRATOU.



DO ZELO, O AMOR SURTIU.
ASSUM PRETO, GRATO,
NUNCA MAIS RECLAMOU.
PERCEBEU SORRINDO:
TINHA IRMÃO DE NINHO,
QUE A VIDA PRESENTEOU!



ENFIM, A PAZ REINO!

FIM.



Andressa C. S. Chaves P. A. Santos

Poetisa desde 2006.

Amante da natureza .

Interessada no ser, no aprender e no sentir.

Imersa no lúdico e no infantil devir.



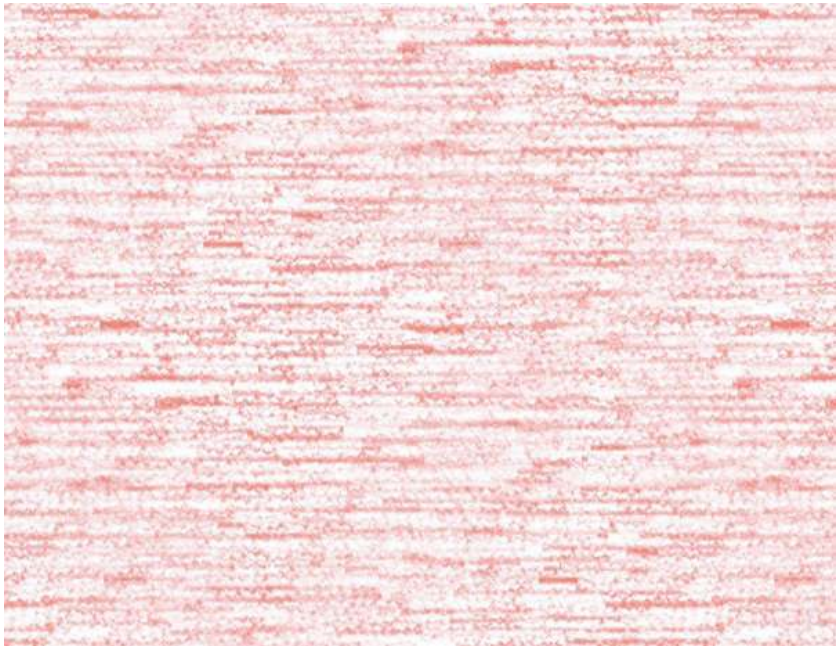
Paulo Cesar Auad Santos

Ilustrador desde 2009.

Desenhista desde 1999.

Amante da arte vetorial e cultura oriental.

Explorando o incrível universo infantil.



TEXTO DAS IMAGENS:

CÉU DE ANIL,
NASCE UMA FLOR,
NA PALHA SECA,
PÔS-SE O AMOR:
3 OVINHOS - GRAÚNAS,
MAS SÓ UM CHOCOU.

ASSUM PRETO NASCEU,
FELIZ E PINTADO NO BREU,
MAS, DE REPENTE,
PICUMÃ APARECEU.
MAMÃE ASSUM CUIDOU,
NEM PERCEBEU.

O TEMPO PASSOU,
PICUMÃ CRESCEU,
MAS ASSUM SABIA:
O IRMÃO NÃO ERA SEU.
INDIGNADO, FICOU.
A TRISTEZA, ACOMPANHOU.

PICUMÃ, INOCENTE,
LARGADO EM NINHO ASSUM,
CRESCEU FELIZ, PROSPEROU.
TINHA MÃE, IRMÃO E AMOR.
JAMAIS SEQUER IMAGINOU:
ASSUM NÃO NASCEU, SE TORNOU.

O CÉU DE INVERNO,
LOGO CHEGOU.
E NO FRIO INTENSO,
ASSUM, SE ACIDENTOU.
PICUMÃ, TAMBÉM ASSUM,
DO SEU IRMÃO TRATOU.

DO ZELO, O AMOR SURGIU.
ASSUM PRETO, GRATO,
NUNCA MAIS RECLAMOU.
PERCEBEU SORRINDO:
TINHA IRMÃO DE NINHO,
QUE A VIDA PRESENTEOU!

ENFIM, A PAZ REINOU!

DIFERENTE

Ariana Maria Meira Bastos

Rio de Janeiro
2024

Desde criança escuto as pessoas me dizerem que sou diferente.

Quando pequeno, enquanto eu brincava percebia que minha mãe me olhar com preocupação. Mas nunca entendi o porquê...



Sempre notei a minha diferença. Sons altos me incomodavam e as vezes algumas roupas me faziam sentir como se eu estivesse com todo corpo coçando.

Quando eu queria brincar, escolhia as brincadeiras em que eu pudesse estar sozinho. Isso me incomodava, pois mesmo querendo fazer amigos, não conseguia, parecia que era algo mais forte que eu.

Um dia resolvi perguntar para minha mãe o motivo da minha “esquisitice”

E ela respondeu:

- Filho, você é uma pessoa com autismo.

Me senti envergonhado com essa resposta, tentei me esconder. Minha mãe então me acalmou e disse:

- Não se envergonhe! O mundo é feito de pessoas diferentes, e você não se resume ao autismo. Você é uma criança com um bom coração, divertido e inteligente! Logo, logo irá fazer amigos.

As palavras de minha mãe me animaram, mas o resto da sociedade não pensava assim.

Na escola eu via meus colegas de classe brincando durante o intervalo. Um dia tentei me juntar a eles, mas disseram que eu

era esquisito e não queriam brincar comigo. Por que as pessoas não gostam de mim? Tentei segurar minhas emoções nesse momento, mas elas estavam em chamas, transbordaram pelo meu corpo e eu comecei a chorar, a gritar e até mesmo me machucar. Quantos mais pessoas tentavam me acalmar, mais frustrado eu ficava, precisaram chamar minha mãe para me acalmar.

Quando minha mãe chegou, me abraçou, e nesse momento eu notei que eu só precisava de um abraço, um ombro amigo, alguém que me acolhesse e me entendesse.

Ser autista é tão difícil, queria não precisar me esconder, queria não ser assim...

No caminho para casa, perguntei para minha mãe o motivo das pessoas não me entenderem. E ela respondeu:

- Filho, o nosso mundo é feito de pessoas diferentes, mas infelizmente essas pessoas não aprenderam a conviver com as diferenças que nos cercam. Muitas vezes, essas pessoas são assim porque não possuem conhecimentos sobre determinado assunto, ou encaram esse assunto como tabu.

Eu, meio confuso, perguntei:

- O que é Tabu?

- Tabu é algo que as pessoas acham polêmico ou até mesmo que as pessoas não possuem conhecimento.

- Mas por que tratam o autismo como tabu? É criminoso ser assim? – Perguntei a minha mãe.

- Filho, como tinha te dito, as pessoas encaram como tabu algo que não conhecessem. Se esse assunto fosse mais discutido, talvez as pessoas te entendessem e acolhessem mais.

Ness momento me senti decepcionado, era óbvio que ninguém iria falar sobre isso.

Minha mãe notou meu olhar decepcionado e disse:

- Filho, não fique assim. Prometo que tudo ficará bem.

No dia seguinte, ao chegar na escola encontro a professora conversando com a turma. Assim que cheguei, sentei-me na roda junto com meus amigos e ela perguntou.

- Vocês sabem o que é diversidade?

A maioria dos meus colegas disse que não. Então ela continuou a falar:

- Dentro do mundo em que vivemos existem vários tipos de pessoa, cada uma única à sua maneira. Algumas pessoas podem ser diferentes de nós, mas isso não significa que sejam menos especiais. Na verdade, é essa diversidade que torna o mundo tão interessante e bonito.

Nesse momento, uma onda de coragem passou pelo meu corpo e as palavras saíram da minha boca rapidamente.

- Eu sou diferente! Eu sou autista!

Os olhares curiosos dos meus amigos me fizeram sentir nervoso, mas ao mesmo tempo esperançoso. Antes que eu pudesse me sentir desconfortável, um de meus amigos levantou a mão e disse:

- Eu acho que o autismo é quando alguém vê o mundo de uma maneira diferente, certo?

A professora sorriu e assentiu.

- Isso mesmo! O autismo é apenas uma maneira diferente de ver e interagir com o mundo.

Olhei ao redor, surpreso, mas o sorriso caloroso nos rostos dos meus amigos me confortou. Um por um, eles começaram a expressar seu apoio e compreensão.

As lágrimas de alívio e felicidade começaram a surgir em meus olhos. Eu não estava mais sozinho. Meus amigos não apenas aceitavam quem eu era, mas também estavam dispostos a aprender e apoiar.

COR DE...DE QUÊ?!

Carla Oreana de Sousa Neto Catumbila

Era o primeiro dia da Diara na escola nova e ela estava muito empolgada! Colocou o uniforme, pediu para sua mãe fazer maria chiquinhas e colocar laços vermelhos na ponta para combinar com as meias. Diara era querida por todos da vizinhança. Por onde ela passava, as pessoas elogiavam o seu cabelo e desejavam boa sorte.

A mãe de Diara, Dona Maria, estava feliz por ter conquistado essa vitória para filha porque assim, além de uma boa educação, ela ficaria mais perto de ser uma “boneca de porcelana” como as outras meninas que entraram.

Chegando na escola, Diara ficou tão encantada que paralisou e só conseguiu falar uma coisa: — “UAU!”. Quando terminou de falar, ouviu alguém gritar seu nome ao fundo... Era a professora conferindo a chamada e, então, saiu do seu mundo de ideias e foi correndo até a fila de sua turma.

Por causa da mistura de emoções, Diara não havia reparado na professora, só olhou bem para ela quando entraram na sala e a professora se apresentou.

— Bom dia, turma! Sou a professora Alice e vou acompanhar vocês durante esse ano. – disse Alice simpática

Diara olhou para a professora e sentiu uma estranheza mas, ao mesmo tempo, uma curiosidade e conexão com Alice. Ela só não entendia o porquê disso já que elas não tinham nada em comum a não ser a escola.

Hoje foi aula foi de Matemática. Aai... detesto Matemática! – ela pensou

Mas a professora Alice estava falando sobre fração, usando um jogo africano. O nome era Ma...Man...Mancala! Isso!

No início todo mundo estava achando que ela era doidinha, mas depois, a nossa turma ficou super animada e entendeu fração rapidinho com esse jogo. Eu nunca imaginei que existisse um jogo africano que pudesse me ajudar em Matemática, achei muito legal!

O primeiro dia foi tão bom que passou voando e já estava na hora de voltar para casa!

Chegando em casa...

Diana estava tão animada para contar do seu dia para a mãe... Só que o cansaço falou mais alto e ela só conseguiu tomar banho, jantar e dormir!

Ela dormiu igual a bela adormecida, sonhou com a professora passando prova e ela tirando zero! Levantou no susto e disse:

— É, ela com certeza deve ser como todas as outras e ontem só foi legal porque era o primeiro dia.

OS ULTRAS



Esdras Ferreira dos Santos

Em um belo dia ensolarado, um grupo de crianças apaixonadas por futebol estavam jogando num campinho. Eles se reuniam todos os dias nesse mesmo campinho próximo às suas casas para jogar e se divertir.

Cada criança tinha suas habilidades especiais. Tufão era rápido e ágil, sempre driblando os adversários. Maria tinha um chute potente e preciso, capaz de marcar gols de longa distância. Paulinho era excelente em passes e lançamentos, distribuindo a bola com precisão para os colegas. O Cacá era o goleiro, o paredão como era conhecido, com ótimos reflexos. E assim, cada um contribuía de forma única para o time.



No entanto, Maria enfrentava um desafio adicional. Ela era a única menina do grupo, e algumas pessoas da cidade não acreditavam que uma menina pudesse ser tão talentosa no futebol. Ela sofria preconceito e comentários negativos, o que a deixava triste.

Mas seus amigos, Tufão, Paulinho e Cacá, sempre estavam ao seu lado. Eles a apoiavam e a encorajavam a continuar jogando, mostrando seu talento e paixão pelo futebol.

Eles treinavam juntos, melhorando suas habilidades. O objetivo era participar de um campeonato juvenil, que aconteceria na cidade vizinha. Para isso, precisavam vencer os outros times da região.

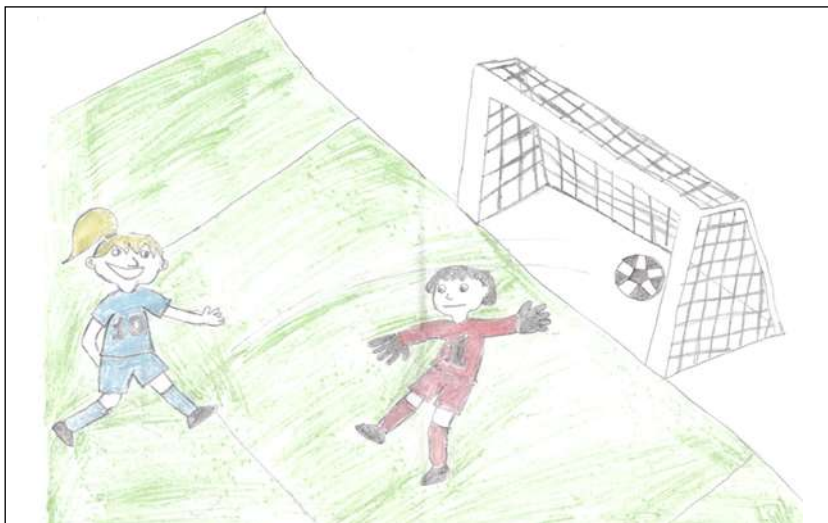
O dia do campeonato finalmente chegou. As crianças estavam nervosas, mas confiantes em suas habilidades. O primeiro jogo foi acirrado, mas eles conseguiram vencer por 2 a 1. Nos jogos seguintes, o time mostrou um desempenho incrível, vencendo cada partida com garra e determinação.

Chegou a grande final. O estádio estava lotado de torcedores ansiosos para ver o desfecho dessa emocionante jornada. O time das crianças estava diante de um adversário forte e experiente. Mas eles não se deixaram intimidar.

Durante a partida, Maria enfrentou mais preconceito. Alguns jogadores adversários a provocavam e a menosprezavam por ser uma menina. Mas ela não se abalou. Com o apoio de seus amigos e sua determinação, ela se mostrou ainda mais forte.

Com muita dedicação e trabalho em equipe, as crianças jogaram como nunca. Cada um deles brilhava em campo, mostrando todo o talento que tinham desenvolvido ao longo dos treinos. O jogo foi equilibrado, com chances de gol para ambos os lados.

No último minuto, com o placar empatado, Tufão driblou dois adversários e passou a bola para Maria. Determinada como sempre foi, ela chutou com força e a bola entrou no gol, garantindo a vitória para o time das crianças. O estádio explodiu em comemoração, e as crianças se abraçaram, felizes e orgulhosas de si mesmas.



Aquela vitória não apenas marcou o início de uma jornada incrível para o time das crianças, mas também mostrou a todos que o futebol não tem gênero. Maria se tornou um símbolo de inspiração para outras meninas que sonhavam em jogar futebol, mostrando que elas também podem alcançar grandes feitos. Foram até batizados de **Ultras**.

A notícia da vitória se espalhou pela cidade e Maria recebeu mensagens de apoio e reconhecimento de várias pessoas. Ela se tornou uma verdadeira heroína local, mostrando que o talento e a paixão superam qualquer tipo de preconceito.

A partir daquele dia, o time das crianças continuou a treinar e competir em outros campeonatos, sempre contando com a força e união do grupo. Eles se tornaram uma referência no futebol para as outras crianças do bairro, inspirando outros times a valorizar a diversidade e a igualdade no esporte.

Maria nunca mais enfrentou preconceito por ser uma menina no futebol. As pessoas aprenderam a respeitar e admirar seu talento, e ela continuou a brilhar nos campos, conquistando diversos prêmios e reconhecimentos ao longo de sua carreira.

No final, a história de Maria e do time das crianças se tornou uma inspiração para todos, mostrando que é possível superar os desafios, lutar contra o preconceito e alcançar o sucesso, não importando se você é menino ou menina. O futebol se tornou uma ferramenta de união e superação, transformando a vida de muitas crianças e ensinando importantes lições de respeito e igualdade.”

E assim termina a história do time das crianças, ops! dos ULTRAS!! e da corajosa Maria, que provou que meninos e meninas podem jogar futebol juntos e serem incríveis nisso!

Fim.

Ilustrações: Daniel Francisco da Silva Filho

GREGORY RODRIGUES DA SILVA



**ILUSTRADO POR
ENZO MATOS DA
SILVA E THÉO
MATOS DA SILVA**

O menino e o espelho



**ErA uMA vEz uM
MENINO QuE sE
cHAMAvA
JOrgINHO. ELE
ADOrAvA fIcAr
EM frENTE AO
EsPELHO,
PASSAvA O DIA
sE ADMIrANDO.
JOrgINHO
QuErIA sAIr
sEMPrE
ArruMADO E
cHEIO DE
EsTILO.**



**CERTo DIA ELE
FOI PASSAr UM
FIM DE sEMANA
NA CASa DA
vOvó. JOrgINhO
FOI TODO FELIZ
PORqUE LÁ
TINhA CAVALO,
OvELhA,
gALINhA, PATO,
gALO E PORCO.**



**PELA MANHÃ,
JOrgINHO
BrINcOu MuITO
cOM Os ANIMAIs
DA fAzENDA E
TOMOu BANHO DE
cACHOEIrA.**



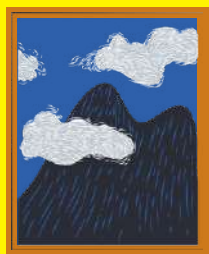
**DEPOIS DE TUDO
ISSO, ELE FOI
PARA A CASA
TOMAR UM BANHO
DE CHUVEIRO.**



**QuANDO AcABOu
prOcurOu um
EspELHO pArA sE
ArrumAr E DE
rEpENTE gr̃tOu:
- AAAAAH!**



**ELE PERguNTOU A
Avó DELE:
- ONDE ESTÃO OS
ESPELHOS DESSA
CASA?**



**A vOvó rEsPONDEu:
- AquI NÃO TEMOs
NENHuM ESPELHO! E,
vOcê NÃO PrEcIsA
DOs ESPELHOs
PARA sAbEr sE
vOcê EstÁ bONITO
Ou fEIO. VOcê jÁ é
bONITO DO
JEITINHO quE
vOcê é! VEM AquI,
JOrgINHO, E DÁ uM
AbrAço NA vOvó.**



**DEPOIS DESSE
ABRACO, VIVERAM
FELIZES PARA
SEMPRE!**



A DESCOBERTA DA FLORESTA



Letícia da Silva Santos

Era uma vez uma menina que se chamava Lua, tinha cabelo comprido preto e olhos castanhos claro. Ela morava numa cabana na floresta e tinha um desejo de um dia sair de lá. Lua tinha nas proximidades de sua cabana um amigo chamado Tico. Era um menino de olhos grandes e azuis e pés largos, com quem Lua partilhava muitos planos e sonhos. Um certo dia eles armaram uma forma de fugirem de suas casas e saírem desbravando o mundo por aí. Contudo eles logo perceberam que não iriam sobreviver por muito tempo, porque eles ficaram dias planejando o dia quando iriam sair pelo mundo afora conhecendo cada novidade e coisas novas que a vida tem para oferecer.

Lua estava nervosa com a aventura que mal conseguiu dormir a noite, mas Tico estava mais disposto e contente com a fuga. Na noite anterior eles deixaram tudo organizado em suas casas e contando a suas mães que iriam sair para curtir um pouco no dia seguinte.



Em seguida, se despediram e foram desbravando cada parte da floresta em que mal conheciam, na verdade eles sempre ficavam próximo de suas casas, pois rezava a lenda do lugar que quem chegasse muito longe era capaz de não voltar mais. Com o passar do tempo esta história foi ganhando força em quase toda a mata.

Lua e Tico apesar da coragem eram pequenos, após 3 horas de viagem começaram a sentir dores nas costas pela quantidade de água que carregavam, com isso resolveram parar em um

determinado ponto para descansar. Após isso Lua percebeu que Tico tinha pegado no sono e logo que viu que talvez tivesse sido uma burrice ter ido para tão longe de casa, com isso começou a se questionar se era isso que ela queria mesmo.



Após alguns pensamentos, ela decidiu que voltaria para casa e chamaria o Tico com ela, ao acordá-lo ela sentiu uma respiração em próximo dela fazendo-a se arrepiar. Tico que ainda estava sonolento, abriu os olhos e deu um grito quando viu o que estava atrás de sua amiga. Era um leão, que parecia estar faminto, com suas mãos largas ele puxou Lua para suas costas e subiram rapidamente em uma árvore. O leão ficou confuso com tamanha rapidez, mas eles subiram tão rápido que ao tentar subir na árvore também leão escorreu sobre ela e caiu. Com isso, aproveitando o tempo que tinham subiram mais alto e mais alto a ponto de seus batimentos ficarem completamente fora de ordem.



Passaram 2 horas e o leão ainda estava lá embaixo esperando por eles, até que Tico teve a ideia de pular até a próxima árvore com Lua nas costas para escaparem. Com Lua nas costas se tremendo, aproximando-se a ponto de um galho para que tivesse mais perto, as folhas começam a cair e o Leão percebe que tem algo de errado com eles, logo eles se aproximam ainda mais da ponta do galho que quebra e eles saltam para árvore ao lado, porém só Tico alcança e Lua acaba escorrendo sobre seu corpo, mas ficando firme ainda em seus pés.

Tico pede para que Lua não desista e continue segurando, mas ela não aguenta e acaba caindo levando Tico junto. Ao caírem gritam feito loucos, pois sabiam que o leão estava à sua espera, porém ao baterem no chão o leão olha para eles e começa a rir.

Leão: - Achei tão engraçado o esforço de vocês para subir esta árvore! (Ainda sobre os risos)

Lua: - Ué, você não queria nos matar?

Leão: - Eu não, eu tenho cara de que como pássaros? Prefiro outro tipo de espécie

Tico: Pássaros? Como assim? (Indaga Tico, que ainda está meio tonto pelo tombo)

Leão: Sim, vocês dois são pássaros ou nunca perceberam?

Lua e Tico: O que ele tá falando? Será que ele bebeu? (Susurram)

Leão: Essas crianças hoje em dia, não sabem de nada mesmo.

Lua: Sr. Leão sem querer incomodar, mas poderia explicar melhor?

Leão: Sim, mas só porque gostei de vocês haha. Vocês dois jovens, são duas espécies de aves, que se chamam João de Barro.

Tico: - Hmm! (Com a mão na cabeça responde pensativo)

Leão: Por acaso a casa de vocês se parece com um forno, só que de barro?

Lua e Tico: - Sim! (Respondem nervosos)

Leão: Por acaso a casa de vocês fica em um galho verde?

Lua e Tico: Como você sabe onde a gente mora? (Perguntam assustados)

Leão: - Não é difícil saber. Por acaso, a mãe de vocês sempre fala para não saírem para muito longe, pois é muito perigoso e podem se perder?

Lua e Tico: - Sim! (Respondem tristes)

Leão: Pois bem, é porque vocês ainda são muito jovens e o ninho de vocês é a casa de vocês!

Lua: - Caramba, Tico. Somos o João que ele disse.

Tico: - João de barro, Lua. (Responde impaciente)

Lua: - Por isso a mamãe sempre dizia.

Tico: - Mesmo assim não quero voltar para lá, minha mãe me prende muito.

Lua: Eu também, mas não sei se é a minha hora de sair de casa assim.

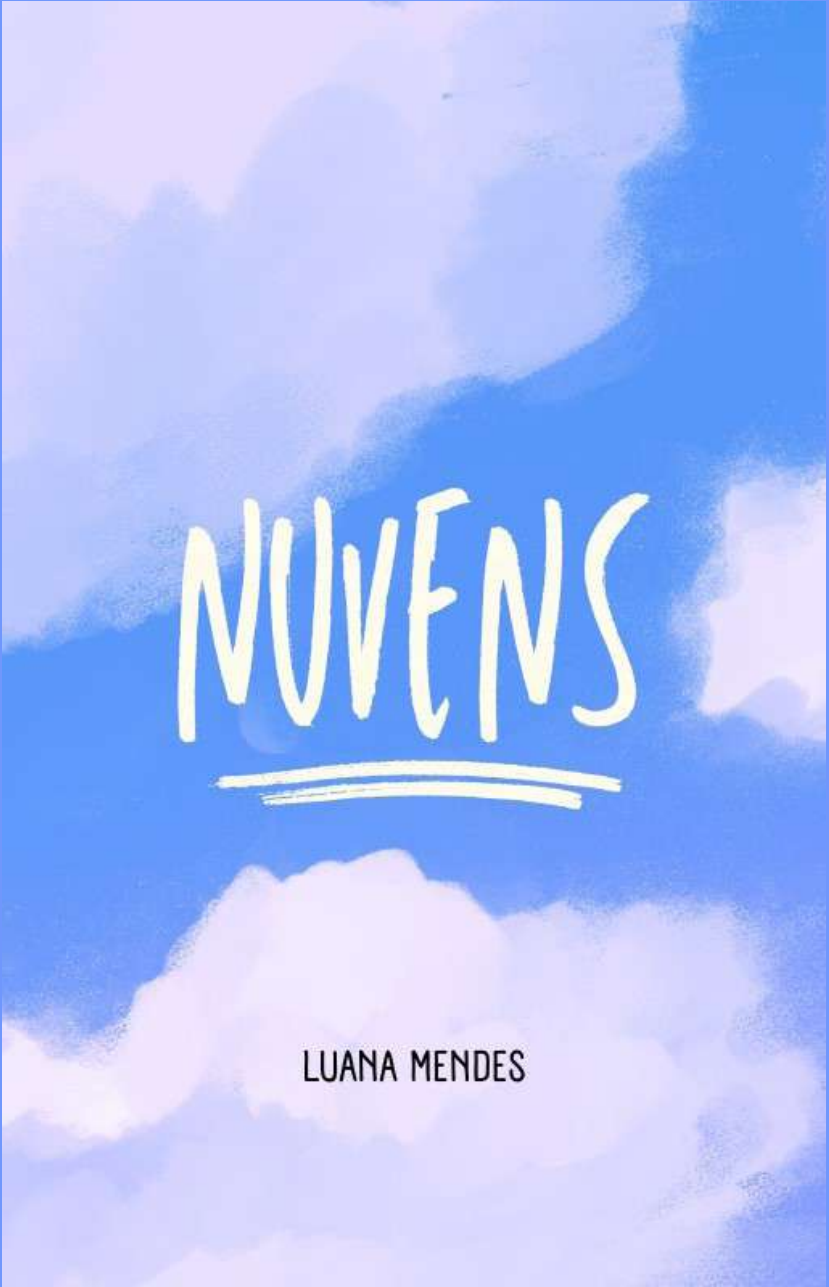
Leão: Acho melhor vocês voltarem para casa, antes que aconteça o pior.

Lua e Tico: - Obrigada, Sr. Leão. Até mais!! (Eles se cumprimentam e saem)

Com isso voltam para casa pensativos, mas com a necessidade de viverem mais um pouco ao lado dos pais, porém sabiam que quando ficassem mais velhos podiam viajar pelo mundo fora da floresta. Pois o desejo maior deles era conhecer outros lugares e se sentiam muito presos em casa, por isso a vontade de conhecer outros lugares.



Suas mães se preocupavam demais com eles e não apresentavam a floresta e muito menos quem eles eram, deixando de apresentar até mesmo que eles podiam voar, com o medo deles as abandonarem logo, eles nunca a viram voar. Elas sabiam que esse momento um dia chegaria e que eles sairiam pelo mundo em busca do desejo deles de viver algo novo.



NUVENS

LUANA MENDES

Nos belos dias de sol, com céu azul, as nuvens gostavam de ter muitas formas...

Em alguns dias com poucas nuvens, elas deixavam o céu como um grande dalmata azul e branco, elas não eram muitas e nem tinham uma forma definida...

Em outros dias elas tinham formas divertidas. Uma parecia um gatinho correndo atrás da bola...

Outras como uma foca batendo palmas para o avião que passava...

Além de muitas outras coisas divertidas.

Tinha dias que elas enchiam o céu, todas correndo junto com o vento...

Mas tinha dias que elas estavam pesadas e escuras...

E a cada minuto ficavam mais pesadas e escuras...

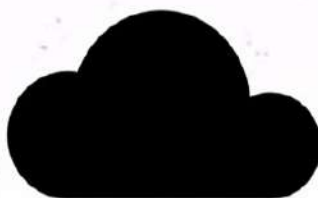
Até que não aguentavam mais e caíam em forma de chuva...

Choviam até se aliviar.

Depois de aliviadas, voltavam tranquilas, branquinhas e divertidas, e ainda traziam um arco-íris pra brincar.

E passavam os dias assim: ora tranquilas, ora divertidas, ora com pressa, ora pesada, ora escura, ora chovendo, mas no fim sempre voltando ao início.

FIM



Pedro e vovó em:
A poluição do meio ambiente



Escrito por:
Natasha Silva

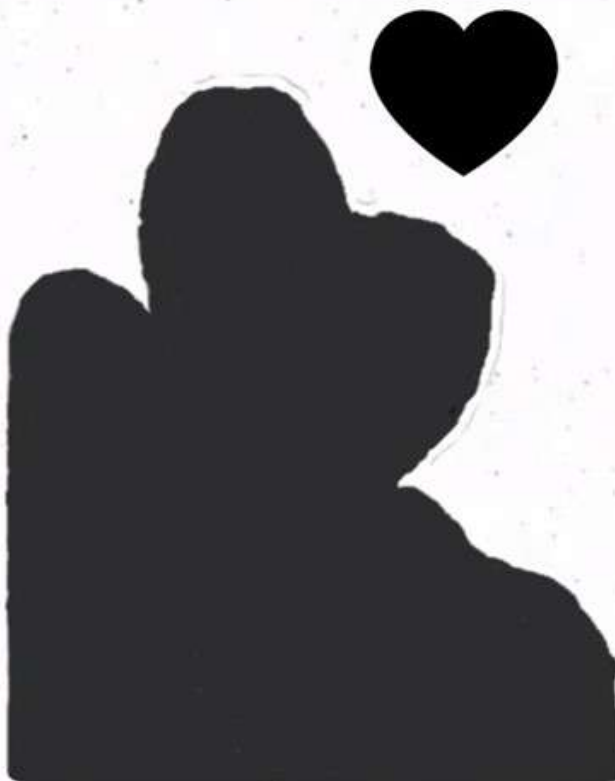


Pedro é um menino muito dedicado, ele acorda cedo para ir para a escola, sempre muito alegre. Alguém sempre o leva, algumas vezes a mamãe, outras o papai, mas os dias mais divertidos mesmo, são aqueles que a vovó o leva.



A vovó gosta de contar histórias e é muito boa nisso. Na verdade a vovó é boa em muitas coisas, ela sabe muito bem usar as palavras e tem os melhores conselhos para dar.

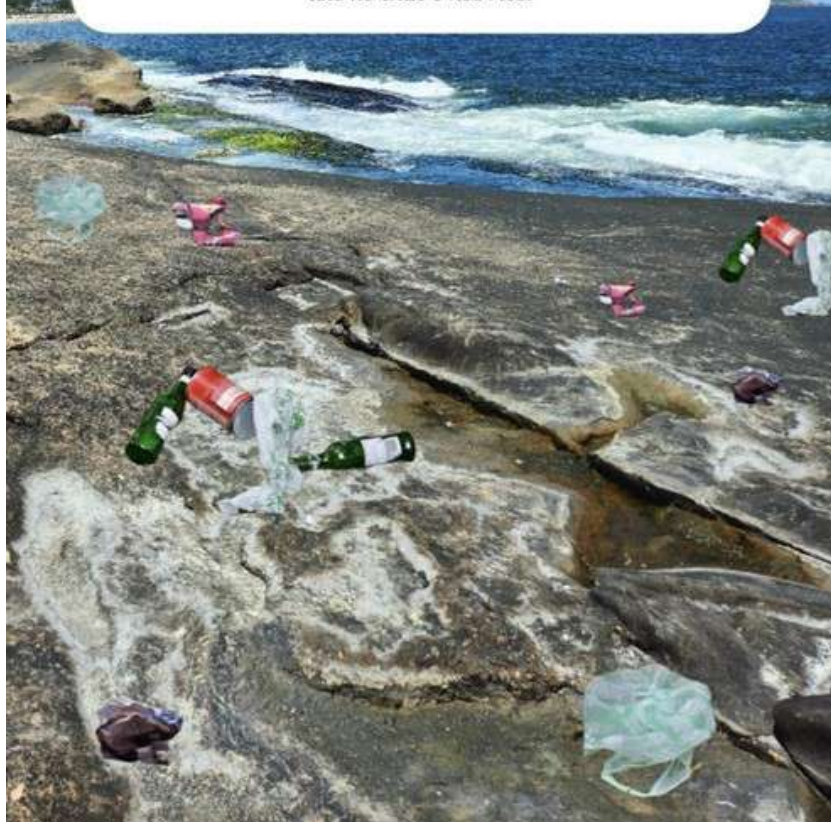
Uma certa manhã, Pedro acordou feliz e disposto, se arrumou e perto do horário de ir para a escola descobriu que quem o levaria era a vovó. Pedro ficou radiante!!!



Pedro e a vovó foram caminhando para a escola e no caminho a vovó foi observando os lugares e contando para Pedro como eles já foram um dia.

Eles passaram por um campo, onde hoje havia muito lixo e a vovó contou que um dia aquele campo já foi repleto de flores, pássaros e borboletas. Passaram por um Rio onde desaguava águas sujas e poluídas, e a vovó o disse que aquele Rio já foi limpo e o lar de diversos peixinhos.

Pedro ficou muito chateado ao perceber que os lugares mais bonitos da sua cidade estava ficando poluído, mas ele confidenciou a vovó que disseram para ele que era "normal" as pessoas jogarem lixo no chão e nos rios.



Foi aí que a vovó usou sua sabedoria para explicar a Pedro que não é certo normalizar esse tipo de atitude, pois ela não é correta. O hábito de jogar lixo no chão e poluir os espaço é COMUM, pois é um hábito frequente entre as pessoas, mas não é NORMAL pois não respeita as normas, os bons costumes e, principalmente, o meio ambiente. Depois das palavras da vovó, Pedro fez o resto do caminho até a escola muito pensativo.

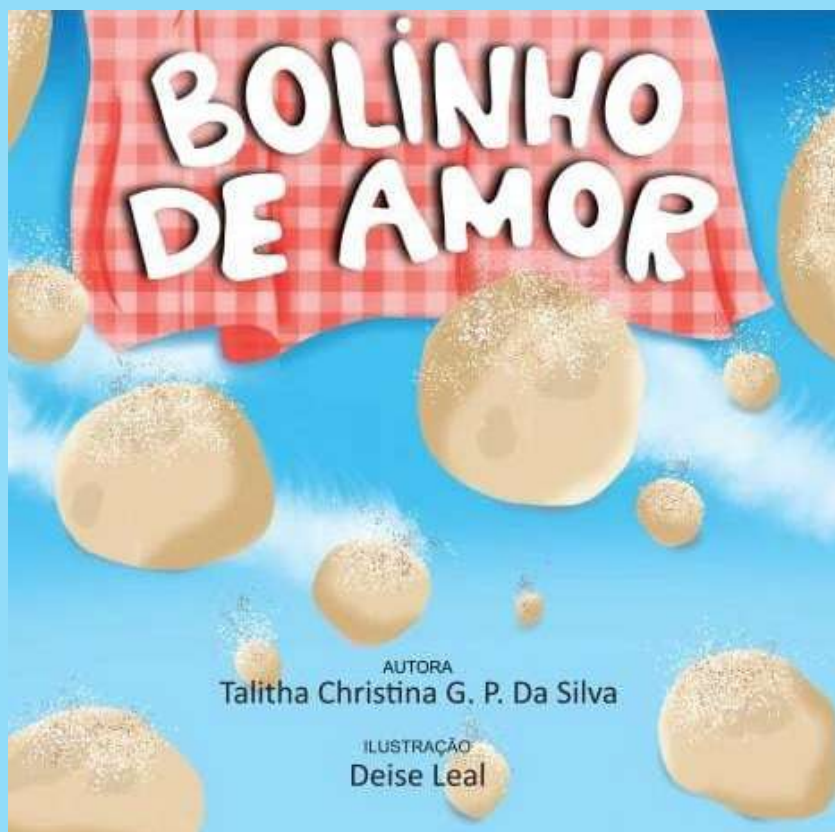




Pedro chegou a escola ainda muito abalado, inquieto e triste, pois concordava com a vovó que as pessoas não deveriam poluir e prejudicar o meio ambiente. Ao perceber sua inquietação a professora o buscou tentar entender o que o afligia, ao descobrir o motivo a professora teve uma grande idéia, a qual poderia deixar o Pedro feliz novamente e ajudar a cidade.

Com isso, a professora, junto com a vovó de Pedro, promoveram um projeto de limpeza da cidade para que os pequenos e os seus responsáveis pudessem se conscientizar da importância de manter a cidade limpa. Essa ação devolveu a alegria de Pedro, pela limpeza da cidade e por poder ficar mais perto da sua vovó.

FIIIIIM !



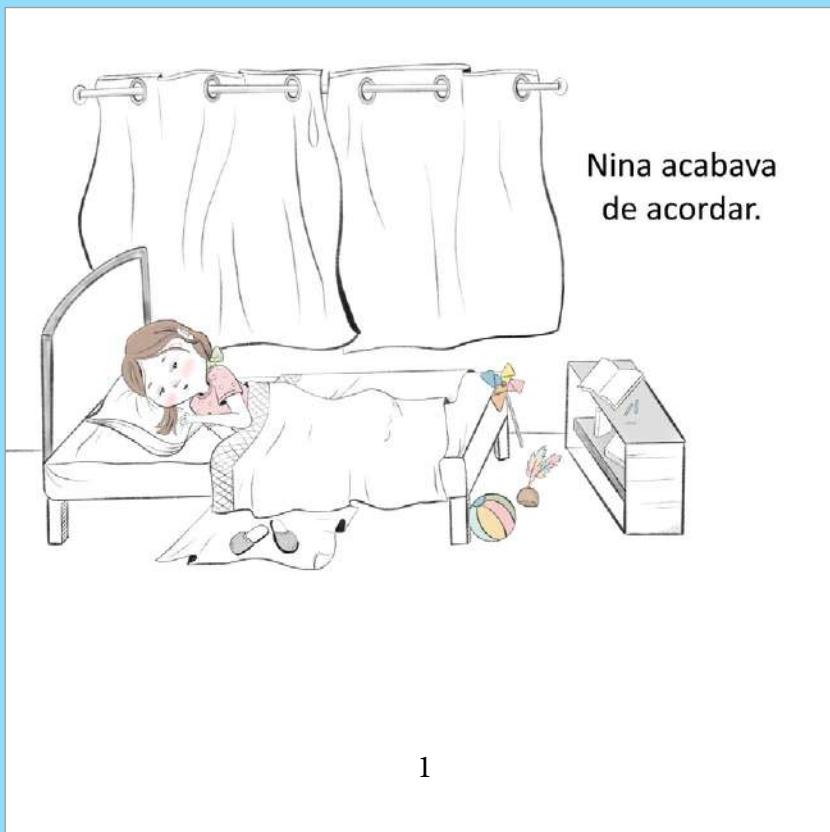
BOLINHO DE AMOR

AUTORA

Talitha Christina G. P. Da Silva

ILUSTRAÇÃO

Deise Leal



Nina acabava
de acordar.

Respirou fundo e se espreguiçou
tirando todo sono que ali restava.



Ela então notou algo diferente,
um barulho que era muito conhecido...



abriu as cortinas num piscar de olhos e disse:



Nina ficou triste pois hoje havia combinado com seu pai de observar os passarinhos.



Mas então tudo mudou. Nina lembrou de algo e calçando as pantufas, correu.



Ao encontrar sua mãe, falaram juntas:

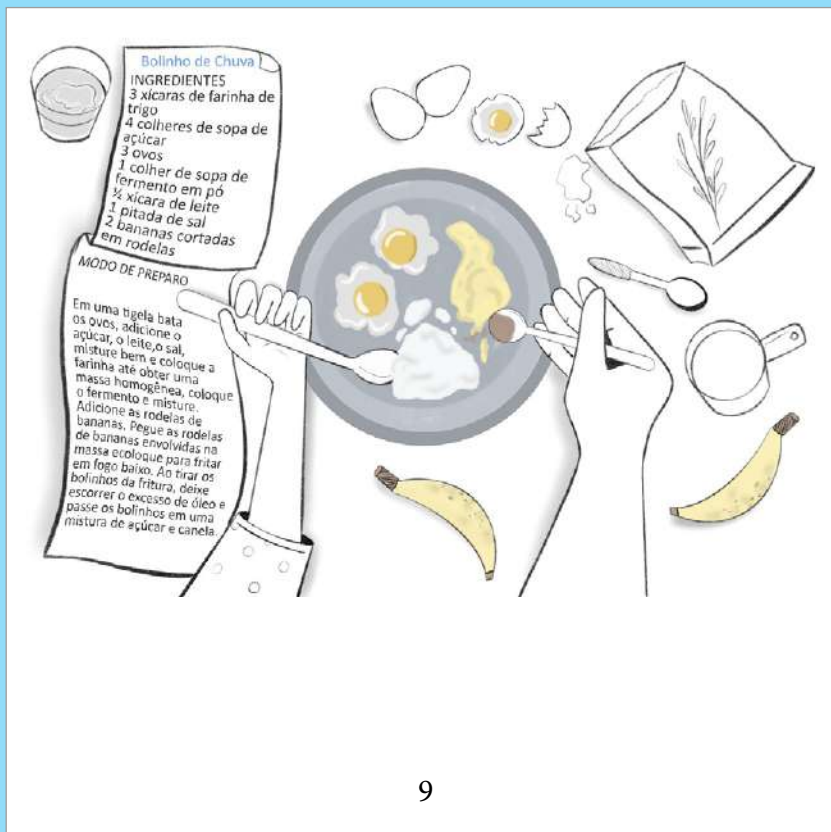
DIA DE CHUVA
DIA DE BOLINHO DE CHUVA



Sua mãe começou a listar os ingredientes mas Nina logo disse:

NÃO PRECISA,
SEI DE OLHOS FECHADOS!







Compartilhe conosco sua receita de amor.



